

O MERCADOR DE PESSÍNTIA

LEDA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 3º ano

(A Bá, que conhecerá Pessíntia, do lado de lá)

Enquanto a moça tecia um sonho, ele ia explicando que aquele era um elixir para fazer brotar uma beleza num rosto, coisas do oriente, garantia mesmo. Não queria nunca enganar as pessoas, acreditasse nele, porque segredos, como esse, conhecera muitos com um velho sábio da Pessíntia.

Era época de calmaria e o mar se tornara frágil como o barco. Foi quando ele se propôs a engarrafar sonhos. Voltava de Pessíntia nessa época, e explicaram-lhe que seria fácil vender sonhos a varejo hoje em dia. Teve mesmo pouco trabalho porque guardava na memória e sabia de cor o que as canções diziam da vida.

Foi assim, mesmo assim que se tornara um mercador naquela pequena e velha ruazinha perto do cais. Ali, quase ali.

O turista alto e magro e de cabelos louros escolhia uma mercadoria ou outra e falava, falava e entendia pouco de tudo aquilo. “Muito bonito sim”.

Ah, sim, era bonito.

Então, o velho marujo chegou-se para bem perto e tinha no rosto a expressão de impaciência que o mercador não traduzia em gestos. Agora era só um vazio na sua vida



depois que perdera o barco e uma perna em alto mar. E pôs-se mesmo em queixas que quase o mercador ia lhe explicando que não era esse o seu ramo de negócio, guardasse a sua dor. De súbito, acontece-lhe um brilho de razão nos olhos e ele ainda tentou consolar aquele marujo somando desilusões: também ele perdera tudo na vida — aqueles dois livros de grosso volume contendo toda a sabedoria oriental, uma vida inteira guardada.

Sentia muito, falou o marujo a meia distração.

De grande importância mesmo discursou o mercador empolgado: gastara anos e anos recolhendo as vivências de um certo sábio, assim em letras miúdas e uniformes, e insistira mesmo em condensar tudo naqueles volumes: seria mais fácil uma consulta quando a dúvida o assaltasse, explicou. E, em cada dia, ele só fazia folheá-los com cuidado de coisas frágeis, como se fossem algodão ou que pudessem se quebrar nessas vezes.

Conhecera Pessíntia?

Talvez, talvez.

Ora, um marujo é uma criatura do mundo sem raízes ou apego, hoje aqui, amanhã ali. E um lugar como esse talvez tenha passado por lá, um dia, talvez se lembrasse de Pessíntia, quem sabe. Mesmo que fosse de alguma carta geográfica e, assim, foi abrindo um velho mapa gasto de tanto mostrar.

Aqui, mais ou menos aqui.

Sim, era ali.

Até que os olhos dele se encontraram com o horizonte, o marujo deixou de falar de mar e, num súbito improvisado, tocou na flauta cantigas só de água e sal, ele. E quando aquela senhora com ares muito distintos e um camafeu na gola de renda chegou, a flauta calava-se em três toques mais, assim meio tímida. Trazia a senhora uma pequena caixa de madeira, tão antiga e cheirando a mofo, e sem meias palavras ela foi explicando que ali guardava dois segredos, de uma velhice secular os segredos.

Seriam entregues ao penhor seus segredos.

Negócio fechado, concordava o mercador.

Certo, certo. Voltaria depois de um inverno ou de um verão, guardasse os segredos dela.

Quem vai levar? Quem?

Aqui vende-se alegria.

Compram-se tristezas.

Trocam-se segredos.

De tudo, aqui.

Até mesmo tudo.

Ilusões, sabia:

: ou um verde oceano para os olhos da moça espiando tristezas na janela.

Aqui, falou o marujo, tem o seu passaporte para Veneza.

Não, para Pessíntia retificava o mercador.

Que ele ainda guardava o gosto dos queijos de leite de cabra e do bom vinho francês naquela impressão repetida de que estava partindo para Paris, mês que vem, amanhã ou depois de amanhã.

Esse mundo é pequeno, opinou o turista.

Só iniciar o passo, uma questão de andar.

Não, uma questão de fantasia.

De fantasia apenas.

E foram-se cinco anos naquela ruazinha torta e cinzenta, mesmo que os dias ali não fossem de chuva ou nostalgia. A senhora, que tinha um velho camafeu sobre a gola de rendas, fez um ah de decepção: os seus segredos desapareceram como nos contos de fadas, acreditassem.

Ora, obtivera um bom preço por eles — tinos de mercados.

Ah.

Sim, fora um bom negócio.

Não podia nunca ter feito isto, ela enxugava uma lágrima.

Arranjaria outro segredo.

Nunca como aqueles.

Ainda quis explicar a ela que nem tudo estava perdido, olhasse para o marujo, falava desesperado o mercador: o mar, que fora tudo na sua vida, chega, um dia, a meia traição e rouba-lhe o barco e perna, olhasse para ele. E se tinha prestado atenção na estante? ali, dois lugares vazios onde, certa época guardava livros de grosso volume, a sabedoria do mundo. Hoje ele trazia só um rosto cansado, assim exaustivo e povoado de rugas pois era obrigado a pensar, pensar, pensar, por longas horas ele pensava, numa tentativa vã de explicar o porque das coisas.

Agora: tudo era um vazio grande, imenso mesmo, e ele só tinha a vontade de calar-se, deixar o tempo passar como ele sempre faz, esse tempo, minuto a minuto. E só. Será sempre assim, quase assim, até que o mar devolva o barco do marujo porque ele fora bom aluno na época das lições da marinha e jamais se esqueceria de como costurar meridianos mar a dentro. Confiava nisso. Era aquela promessa antiga de levar o mercador de volta a Pessíntia, onde um certo sábio estaria pronto a novos ensinamentos. E depois ele não sabia explicar bem, mas era crescente aquela vontade de reescrever os seus livros vez mais, mesmo que gastasse uma vida inteira: estaria em Pessíntia, ora, e que importa? perguntava.

Assim, quase assim, mais ou menos assim: Pessíntia, um dia.